

Joker

Via imagens pintadas nas paredes; figuras que representavam animais, caçadas, lindos frescos, mosaicos, havia também um intenso cheiro a chá. Não sabia onde estava. Explorou a boca com a língua: a cápsula estava no local. Ia-se lembrando bem de tudo. Chegado ali, em missão, ao dizer quem queria ver, fora detido, ele e um companheiro. Não via agora o companheiro, não sabia se o voltaria a ver. Levava uma pancada na cabeça, tinha dores, sentia algum frio. Era estranho, talvez fosse da fome, o local era quente. Um homem fardado, num uniforme tão impecável como o inglês que falava fez-lhe perguntas. “Espião. Conta-me a verdade. Não adianta esconder nada. Posso mandar-te matar. Como sabes nem existes, nem «estás aqui».” Joker pensou. Conhecia aquela conversa. Se mentisse morria; se contasse ‘verdades’ a mais, também podia morrer. Aliás achava estúpido estar aqui, mas estava, tinha de obedecer a ordens. “Nome?” “Joker”, respondeu. O homem voltou-se para outro que ainda não tinha visto, falou-lhe de forma que ele não entendeu completamente. Mas entendeu o seu próprio nome e algo como “registos”. Pouco depois o outro homem voltou. Estendeu uma folha ao primeiro. “Joker. Vives num local chamado Vizela. Tens quatro filhos; melhor: dois filhos e uma filha... Um emprego de encobrimento, não é? Devias ter vergonha de teres vindo aqui. És um nojo. Tens algo a dizer?” Joker mal podia falar, as mãos apertadas com uma corda que cortava, presas atrás das costas, tinha sede e fome, medo e vontade de urinar. Metera-se naquela vida para ganhar algum dinheiro extra, só isso. Depois as coisas complicaram-se. É sempre assim, pensou. “Tenho, respondeu. Os teus homens roubaram-me. Não é necessário isso. Tiraram-me o dinheiro, além dos documentos.” O outro olhou-o furioso. “Vou falar inglês para me entenderes, son of a gun! Chamem Hassan, foi ele quem prendeu este cão, não foi? E repara bem, já não és dono de nada, mas quero saber se não estás a mentir.” Hassan entrou. A conversa, em inglês, foi rápida. “Espião, o que roubou ele?” Joker respondeu-lhe. “Entre outras coisas, uma pequena bolsa de prata, da minha avó.” O comandante ordenou que revistassem o tal Hassan. Encontraram os dólares de Joker, a bolsa de prata também. “Matem-no”, disse o comandante. Umas mãos de aço apertaram o pescoço do homem, o seu corpo teve convulsões. Ouviu-se um som gorgolejante. Acabou. “Vais ser posto na fronteira, colega, disse-lhe o comandante. Vão buscar-lhe chá.” Caminhou toda a noite, acompanhado por soldados. Foi para o país vizinho. “O teu camarada foi fuzilado, tirámos à sorte. Vocês são estúpidos. Não era connosco que se deviam meter. Diz isto aos teus chefes. Não voltes cá. Só se tem uma sorte destas uma vez...” Nunca mais se esqueceria, até à próxima, pensou Joker. O perigo vicia.

